

A IMPORTÂNCIA DA ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL



BRUNA MEIRA ALTINO

Graduação em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho, 2010; Especialista em Alfabetização e Letramento pela Universidade Nove de Julho, 2011; Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura de São Paulo.

RESUMO

A arte surge no mundo como forma de organização, como modo de transformar a experiência vivida em objetos de conhecimento que demonstram sentimentos, percepção e imaginação. Assim, o presente estudo teve como meta principal refletir sobre o ensino-aprendizagem, evidenciando sobre a importância do ensino das Artes Visuais e estabelecer algumas reflexões que possibilite melhor entendimento das transformações no processo ensino/aprendizagem da arte e sua importância no contexto escolar do Ensino Fundamental. Sendo que o projeto irá tratar sobre a dimensão histórica da disciplina no Brasil, o conceito de ensino da arte, a importância da imagem como ferramenta de ensino e para concluir fará um levantamento sobre a importância da Arte no Ensino Fundamental. Sendo que atualmente, a arte é fundamental na educação de um país que se desenvolve, pois ela é uma forma diferente de interpretar o mundo, a realidade, o imaginário e através dela podemos estimular a criatividade do aluno em todas as atividades propostas pelo professor no dia a dia.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Ensino Fundamental; Escola.

INTRODUÇÃO

O ensino de arte tem várias funções, dentre elas o fazer artístico, a história da arte e a apreciação ou fruição artística. A arte-educação promove todos esses aspectos em conjunto, visando uma formação mais consistente e ampla do indivíduo.

O ensino de artes na escola, ao longo da história, vem convivendo com inúmeras interpretações e contradições. Todavia, com o advento da nova Lei de Diretrizes e Bases, que normatiza o Ensino Fundamental e Médio, o ensino/aprendizagem da arte passa a ter caráter obrigatório. Muito

embora, de certa forma, isto garanta a presença da arte no currículo, que está num processo de inclusão que caminha a passos lentos.

abendo que a arte é um dos modos de conhecimento e da importância do ensino da arte nas escolas, começo o interesse em fazer um estudo ligado a essa área que também é de extrema importância na carreira de um professor, sendo que muitas vezes o professor atua como professor de arte nas escolas, e como é campo que costuma despertar pouco interesse aos pedagogos foi sentida a necessidade de fazer um trabalho ligado a esta área.

Sendo assim o objetivo geral do estudo é pesquisar sobre a importância do Ensino das Artes Visuais no Ensino Fundamental, suas mudanças no decorrer do tempo e estabelecer algumas reflexões sobre a arte no processo ensino-aprendizagem, analisando sua importância na constituição do aluno enquanto ser criativo e crítico em seu ambiente em que vive.

A compreensão da prática do ensino das Artes no cotidiano escolar é primordial, pois a criança, por evoluir rapidamente, capta sensações, imagens, experiências que precisa sentir avaliar e expressar. No processo de criação, a criança pesquisa a própria emoção, liberta-se da tensão, ajusta-se, observa o mundo que a rodeia, desenvolve percepções e imaginação, adapta-se, organiza seus pensamentos e forma hábitos, enfim, educa-se.

DIMENSÃO HISTÓRICA DA DISCIPLINA DE ARTES

Pesquisando em várias obras e publicações sobre a memória e história do ensino da arte, destacam-se Ana Mae Barbosa, Lucimar Bello e tantos outros teóricos arte/educadores. Conforme esse autor a arte é usado como registro desde os tempos mais remotos, comprovando assim, a transformação de mentalidade dos povos. Vemos essa transformação, primeiramente com as pinturas nas cavernas, mais antigos registros conhecidos. Mais tarde temos a arte nas antigas civilizações. Temos, ainda, cerca de dois mil e quinhentos anos de reflexão filosófica sobre a arte, iniciada com os filósofos gregos, quase três séculos de estética, arte como categoria irreduzível da atividade humana, e, finalmente no século XIX, a arte é permeada pelas ciências humanas, estruturando-se então, a arte na Educação.

No Brasil durante o período colonial, nas vilas e reduções jesuíticas, ocorreu a primeira forma registrada de arte na educação. A congregação católica denominada Companhia de Jesus veio ao Brasil e desenvolveu uma educação de tradição religiosa, para grupos de origem portuguesa, indígena e africana.

Nas reduções jesuíticas, realizaram um trabalho de catequização dos indígenas com os ensinamentos de artes e ofícios, por meio da literatura, música, teatro, dança pintura, escultura e artes manuais.

Com a criação da Academia no Rio de Janeiro a arte começa a ser institucionalizada. Em 1816, é definida a oficialização do ensino artístico, tendo como modelo o neoclassicismo europeu. Quando a missão francesa chegou ao Brasil, encontrou importado de Portugal, um “estilo” barroco

modificado por meio da criatividade de alguns artistas brasileiros. Os trabalhos produzidos eram encomendados pelos senhores, e eram feitos pelos escravos que lhes impunham características próprias, tornando-os totalmente diferentes do barroco português ou italiano.

A partir dessas criações, que surgiu a Arte brasileira, uma mudança muito grande aconteceu com a introdução da Arte Neoclassicista por meio da missão francesa. Depois disso, a Arte passou a ser considerada uma atividade supérflua, segundo DUARTE (1988, p.77) “um artigo de luxo, acessório cultural, coisa de desocupado. O verdadeiro ensino da Arte foi reservado às horas de ócio das classes superiores, dando-se apenas nos conservatórios e academias particulares”.

Até a Proclamação da República, em 1889, de acordo com Duarte Júnior (1988, p.122), “o ensino da arte nas escolas oficiais destinou-se, mais especificamente, à produção de bens, incluindo, o desenho técnico e geométrico”.

Essas escolas eram destinadas às classes trabalhadoras, ou à pequena burguesia. Entretanto, o ensino das Belas-Artes, era reservado às academias, conservatórios especiais e às escolas para as classes mais abastadas, com objetivo erudito e de preparação para a vida na elite.

Nesse período, o momento filosófico vivido era o Positivismo de Augusto Comte, sendo a arte vista com importância somente quando contribuía para o estudo da ciência. A arte segundo BARBOSA (1980), “era encarada como um poderoso veículo para o desenvolvimento do raciocínio desde que, encarada através do método positivo, subordinasse a imaginação à observação identificando as leis que regem a forma”.

Nas primeiras décadas do século XX, o ensino da arte, especialmente o desenho, continuava apresentando um sentido utilitário de preparação para o trabalho, valorizando o traço, o contorno e a repetição de modelos, que geralmente vinham de fora do país.

O ensino tradicional não reconhecia o conhecimento técnico como um conjunto de meios e de procedimentos necessários para que o aluno pudesse expressar-se; era tomado como objetivo a técnica pura. Essa proposta educacional que procurava atender ao modo de produção capitalista, caracterizado pelo início da industrialização no Brasil, secundarizava e deslocava do currículo o ensino de Arte, que tendia a ser centrado nas técnicas e artes manuais ou em atividades sem vínculo com as propostas curriculares das escolas.

Um marco importante para a arte brasileira foi a Semana de Arte Moderna de 1922, que marcou profundamente o estudo da arte, rompendo com os padrões clássicos da época. Mario de Andrade e Anita Malfatti, no Brasil foram os precursores das ideias de livre expressão para crianças. Esses artistas direcionaram seus trabalhos para a pesquisa e produção de obras a partir das raízes nacionais, onde esse movimento valorizava a cultura do povo, pois entendia que, em toda a História dos povos que habitaram o território onde hoje é o Brasil, sempre ocorreram manifestações artísticas.

Na década de 20, a arte brasileira buscou características próprias tanto na temática, quanto no estilo, no intuito de romper com a transposição mecanicista dos padrões estéticos europeus.

Em contraposição às formas anteriores de ensino que impunham modelos que não corres-

pondiam à cultura dos alunos, como a arte medieval e renascentista dos Jesuítas sobre a arte indígena; ou da cultura neoclássica da Missão Francesa sobre uma arte colonial e Barroca, com características brasileiras, procurou-se valorizar a cultura nacional, expressa na educação pela escola nova, que postulava métodos de ensino em que a liberdade de expressão do aluno era priorizada.

Esse movimento valorizava a cultura do povo, pois entendia que, em toda a História dos povos que habitaram o território onde hoje é o Brasil, sempre ocorreram manifestações artísticas. Considerava também, que desde o processo de colonização, a arte indígena, a medieval e renascentista europeia e arte africana, cada uma com suas especificidades, constituíram a matriz da cultura popular brasileira.

Nesse contexto, o ensino de Arte teve o enfoque na expressividade, espontaneidade e criatividade. Essa valorização da arte encontrou espaço na pedagogia da Escola Nova, fundamentada na livre expressão de formas, na genialidade individual, inspiração e sensibilidade, desfocando o conhecimento em arte e procurando romper à transposição mecanicista de padrões estéticos da escola tradicional.

A escola nova, fundamentada nas teorias de John Dewey e Jean Piaget. Foi efetivamente estruturada com o artista e educador Augusto Rodrigues, em 1948, no Rio de Janeiro, ao criar a primeira Escolinha de Arte do Brasil, na forma de ateliê-livre de artes plásticas, com a finalidade de desenvolver a criatividade e incentivar a expressão individual.

Diferentes autores influenciaram de maneira significativa o ensino da arte no século XX no Brasil, firmando a tendência da pedagogia nova. Dentre eles destaca FERRAZ; FUSARI (1993, p.31): [...] John Dewey (a partir de 1900) e Viktor Lowenfeld (a partir de 1939), na Inglaterra. Com a publicação de seu livro Educação pela Arte (traduzido em vários países), Read contribuiu para a formação de um dos movimentos mais significativos no ensino artístico. Influenciado por este movimento no Brasil, Augusto Rodrigues liderou a criação de uma escolinha de arte, no Rio de Janeiro (em 1948) estruturada nos modelos e princípios da educação através da arte.

Com a expansão da tecnologia o mundo vê a educação como insuficiente para preparar profissionais que atendam esse novo momento histórico. Surge, então, uma nova pedagogia, a Pedagogia Tecnicista, que privilegia o método e o resultado em detrimento do professor, como fora à ênfase da Pedagogia Escola novista e em detrimento do aluno, como fora na Pedagogia Tradicional. A Pedagogia Tecnicista visava ampliar a eficiência da escola com o objetivo de preparar indivíduos mais competentes e produtivos, conforme solicitava o mercado de trabalho.

A partir da década de 1960, as produções e movimentos artísticos se intensificaram: nas artes plásticas, com as Bienais e os movimentos contrários a ela; na música, com a bossa nova e os festivais; no teatro de rua, e no cinema. Esses movimentos tiveram forte caráter ideológico, propunham uma nova realidade social e, gradativamente, deixaram de acontecer com o endurecimento do regime militar.

O surgimento e o crescimento da Pedagogia Tecnicista, implementada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5.692/71 (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, 1996), é introduzida também a Educação Artística no currículo escolar de 1º e 2º graus. Nesse período, os

poucos professores de Desenho, Música, Trabalhos Manuais, Canto Coral, Artes Aplicadas, Plásticas e Visuais, que vinham atuando segundo os conhecimentos específicos de suas linguagens, começam a perceber que esses saberes, repentinamente, foram transformados em meras atividades artísticas curriculares.

Quando o ensino da Arte passou a ser obrigatório em todo o território nacional, nenhuma escola de ensino superior oferecia um curso que formasse profissionais para atuar nessa área. Então, foram criados os cursos de licenciatura curta, que formavam o professor de Educação Artística nas várias linguagens, como Artes Plásticas, Artes Cênicas, Desenho e Música, todas, em um único curso, o que transformou essa disciplina, na maioria das vezes, num fracasso, pois é muito difícil encontrar um professor com domínio das várias linguagens artísticas.

Conforme Ferraz e Fusari (1993), na Pedagogia Tecnicista, “o aluno e o professor ocupam uma posição secundária”, isto porque o elemento principal é o sistema técnico de organização da aula e do curso. Os professores eram orientados por uma concepção mecanicista e seus planejamentos e planos de aula preparados de forma a centrarem-se apenas nos objetivos a serem operacionalizados minuciosamente (a técnica em detrimento do homem, o resultado em detrimento do professor e do aluno).

A ênfase dada pelos professores nas aulas de Artes era o saber construir reduzido aos aspectos técnicos e ao uso de materiais diversificados, e um saber exprimir-se espontaneístico, na maioria dos casos, caracterizando o pouco compromisso com o conhecimento de linguagens artísticas e suas relações com a história e com a sociedade. Os professores passam a atuar em todas as linguagens artísticas. Todavia, há de se ressaltar que não se privilegiava a existência de um professor específico e conhecedor de arte, independente da sua formação e habilitação. Também professores de outras áreas atuavam dentro das articulações artísticas.

Com esse cenário chega-se, ao final dos anos 90, com diferentes tendências curriculares em artes. É uma educação estética que não propõe apenas o código, mas a apreciação de valores de múltiplas culturas. A característica desse novo marco curricular é a de designar a área por “arte-educação” e não mais Educação Artística, e de incluí-la na estrutura curricular como uma área de conteúdo próprios ligados à cultura artística, e não como meras “atividades”.

Em 1988, com a promulgação da Constituição, iniciam-se as discussões sobre a nova LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL (LDBN), sancionada apenas em 20 de dezembro de 1996. Com a lei 9394/96, a arte é considerada obrigatória nos diversos níveis da educação básica de forma a promover o desenvolvimento dos alunos. De acordo com Saviani (1997, p.85) em seu livro A Nova Lei da Educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) estabelece que:

Art. 26 – Parágrafo segundo. O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, para desenvolver a criatividade, a percepção e a sensibilidade estéticas respeitadas às especificidades de cada linguagem artística, pela habilitação em cada uma das áreas, sem prejuízo da integração das artes com as demais disciplinas.

Nesse período, também houve mudanças nos cursos de graduação em Educação Artística que passaram a ter licenciatura plena em uma habilitação específica.

O ensino de Arte deixa de ser coadjuvante no sistema educacional e passa a se preocupar também com o desenvolvimento do sujeito frente a uma sociedade construída historicamente e em constante transformação.

A arte proporciona o crescimento de vários padrões de desenvolvimento, como: emocional, perceptual flexibilidade, imaginação, originalidade e fluência mental, intelectual, social e estética. Segundo as autoras Ferraz e Fusari, questionadas sobre a importância da arte elas destacam: Primeiramente, e a importância devida à função indispensável que a arte ocupa na vida das pessoas e na sociedade desde os primórdios da civilização, o que a torna um dos fatores essenciais de humanização. O fundamental, portanto, entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem e ao conhecê-lo. (Ferraz e Fusari, 1999, pag. 16)

Os educadores devem acreditar no potencial da arte enquanto conhecimento a ser construída, linguagem a ser experimentada e fruída, expressão a ser refletida. Levando o aluno a construir, experimentar e refletir, assim consideraremos a arte como área de conhecimento, com características únicas e imprescindíveis ao desenvolvimento do ser humano. Um ser dotado de uma totalidade de emoção e razão, de afetividade e cognição, de intuição e racionalidade e de uma subjetividade, que não podem ser ignoradas no processo de ensino e aprendizagem.

O professor é mediador e aprendiz. Precisamos atuar como educador-mediadores, buscando uma mediação e uma intervenção que mobilizem pesquisas, assimilações, transformações, ampliações sensíveis e cognitivas, tanto individuais quanto coletivas.

O ensino das artes visuais hoje inclui aos métodos tradicionais, diversas manifestações visuais em decorrência dos avanços tecnológicos e mudanças estéticas, alguns exemplos onde a imagem está presente é a fotografia, o cinema, a televisão, o videoclipe, a computação, a arte gráfica, a propaganda, a multimídia, a desempenho, além das manifestações artísticas que acontecem no teatro, na dança, na música.

Compete ao professor criar propostas pedagógicas, eleger os conteúdos possíveis e necessários, priorizando a produção dos alunos em artes, mas para produzir é preciso conhecer e é necessário que o professor trabalhe as manifestações culturais existentes na humanidade no decorrer da história. Para que o aluno conheça e compare a produção artística que predominou e predomina em nossa história, analisando principalmente as diferenças e semelhanças, valorizando a diversidade cultural.

O ensino de arte na contemporaneidade não se identifica mais com os princípios modernistas, cuja ênfase residia na autoexpressão e o papel do professor resumia-se à facilitação do contato espontâneo do aluno com materiais expressivos e com técnicas produtivas. Ensinar e aprender arte tornou-se uma atividade complexa, pois pressupõe um intenso diálogo, do professor e dos alunos, com o objeto artístico reconhecido como produto da cultura e como método de conhecimento.

No transcorrer do conhecimento espera-se que os alunos adquiram competências de sensibilidade e de cognição em artes e suas linguagens artísticas, tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais como para que possa, progressivamente, apreciar desfrutar, valorizar e emitir juízo sobre

os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidas ao longo da história e na contemporaneidade.

Ao aprender arte na escola, o educando poderá integrar os múltiplos sentidos presentes na dimensão do concreto e do virtual, do sonho e da realidade. Tal integração é fundamental na construção da identidade e da consciência do educando, que poderá assim compreender melhor sua inserção e participação na comunidade.

CONCEPÇÕES DO ENSINO DA ARTE

A disciplina discute filosoficamente as manifestações artísticas enquanto experiência historicamente constituída, tematizando concepções que subordinam o valor artístico ao conhecimento, ao bem, ao útil, e concepção modernas que reivindicam a autonomia da arte.

Nesse sentido, a disciplina analisa dados fornecidos pela História da arte, a partir de três eixos básicos: 1) Relação entre arte e natureza: arte como imitação, mimeses, arte como criação, arte como expressão; 2). As relações entre arte e homem: arte como atividade humana submetida a regras, arte como forma peculiar de conhecimento, arte como expressão; 3) as finalidades da arte.

Dependendo da maneira como a arte for concebida e conseqüentemente trabalhada ela assumirá diferentes papéis na sociedade. Se limitarmos a arte a uma concepção positivista ao estilo “Arte é...” Limitaremos também seu papel no processo de socialização de crianças e adolescentes. É preciso caminhar para uma reflexão epistemológica: o que não é arte, o que pode ser buscar métodos para pesquisar e ensinar.

Os educadores devem acreditar no potencial da arte enquanto conhecimento a ser construída, linguagem a ser experimentada e fruída, expressão a ser externalizada e refletida. Levando o aluno a construir, experimentar e refletir, assim consideraremos a arte como área de conhecimento, com características únicas e imprescindíveis ao desenvolvimento do ser humano.

Um ser dotado de uma totalidade de emoção e razão, de afetividade e cognição, de intuição e racionalidade e de uma subjetividade, que não podem ser ignoradas no processo de ensino e aprendizagem da arte, que tanto busca quebras de dicotomias.

Barbosa (2003, p.18), em seu livro *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*, deixa bem claras o potencial desta via de conhecimento ao dizer que:

Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

O senso comum coloca como oposição emoção e razão, subjetividade e objetividade, afetividade e cognição e assim dicotomiza arte e ciência. A primeira apenas como forma de expressão, de lazer, de contágio, de contemplação, como objeto de consumo e, no currículo escolar, como suporte às demais disciplinas, e, a segunda como única capaz de produzir conhecimento.

A arte reflete a história através dos tempos e conhecer essa história permite ao aluno aprofundar a compreensão de ser pertencente e atuante em sua cultura. O ensino da Arte, neste contexto, acompanhou as transformações e gradativamente estruturou-se, passando por várias concepções de ensino até a formulação das próprias diretrizes da educação básica, que objetivam levar os alunos a adquirirem “conhecimentos sobre a diversidade de pensamento e de criação artística para expandir sua capacidade de criação e desenvolver o pensamento crítico” (DCE, p.52).

Sendo assim, a concepção da disciplina de Arte tem base em dois objetos de estudo, segundo as Diretrizes Curriculares Estaduais do Estado do Paraná:

O conhecimento estético que se baseia num processo de reflexão a respeito do fenômeno artístico e da sensibilidade humana, em consonância com os diferentes momentos históricos e formações sociais em que se manifestam e o conhecimento da produção artística está relacionado aos processos do fazer e da criação, toma em consideração o artista no processo da criação das obras desde suas raízes históricas e sociais, as condições concretas que subsidiam a produção, o saber científico e o nível técnico alcançado na experiência com materiais; bem como o modo de disponibilizar a obra ao público, incluindo as características desse público e as formas de contato com ele, próprias da época da criação e divulgação das obras, nas diversas áreas como artes visuais, dança, música e teatro. (DCE, p.53).

Educar em arte é possibilitar um novo olhar, um ouvir mais crítico, um interpretar a realidade e imagens, a partir dos conhecimentos estético e artístico adquiridos, podendo recriar estes conhecimentos e os novos conceitos em qualquer uma das linguagens artísticas. A Arte é fonte de humanização e por meio dela o ser humano se torna consciente da sua existência individual e social; percebe-se e se interroga, é levado a interpretar o mundo e a si mesmo.

No processo arte educação não se procura formar artistas e muito menos destacar alunos talentosos em detrimento dos demais, e sim, propiciar ao educando o conhecimento para que ele possa ampliá-lo no contínuo e complexo processo de estar no mundo.

ARTE É CONSTRUIR, É CONHECER, É EXPRESSAR

Para superar visão de senso comum e os riscos de reduzir a arte a apenas um aspecto, podemos refletir sobre a arte como construção, como conhecimento e como expressão. Didaticamente separadas, mas que acontecem de forma imbricada, num encontro entre objetividade e subjetividade, consciente e inconsciente, razão e emoção. Um trabalho artístico passa pela mente, pelo coração, pelos olhos, pelas mãos; que pensa, recorda, sente, observa, escuta, fala, toca e experimenta. Um processo que desenvolve um campo de conhecimento tão importante quanto inatingíveis pela linguagem lógica, científica, tão presentes nos currículos escolares, que ainda são embasados por uma visão positivista, com ênfase no aspecto técnico, importando-se apenas com a mera transmissão de conhecimentos prontos e acabados.

Arte é construção porque através dela se constrói algo, se transforma a matéria oferecida pela natureza ou pela cultura. Em outras palavras: a arte tem tanto um caráter técnico, racional; quanto outro mais subjetivo ligado ao prazer estético, de quem faz ou de quem frui arte. Um processo de criação artística é uma construção que tem dois grandes e fortes alicerces: a imaginação e o trabalho.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. Esta área também favorece ao aluno relacionar-se criadoramente com as outras disciplinas do currículo.

Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana. Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão à sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor.

ARTE É INTERDISCIPLINARIDADE

Cada vez mais dentro da escola e até fora somos cobrados para trabalhar de maneira interdisciplinar como nossos alunos, FERREIRA (2001, p. 34) deixa bem claro que trabalhar com interdisciplinaridade é como executar uma sinfonia:

Para a execução será necessária à presença de muitos elementos: os instrumentos, a plateia, os aparelhos eletrônicos etc. Todos os elementos são fundamentais, descaracterizando, com isso, a hierarquia de importância entre os membros... Para que a sinfonia aconteça será preciso à participação de todos. A integração é importante, mas não é fundamental. Isto porque na execução de uma sinfonia é preciso a harmonia do maestro e a expectativa daqueles que assistem.

A interdisciplinaridade não pode ignorar as especificidades de cada área. Se a interdisciplinaridade acontecer da forma como Ferreira propõe, ótimo! O que é muito diferente de usar a Arte para decorar as festas da escola, para ilustrar texto de Português, ou para ensinar princípios matemáticos via origami. Assim como as outras disciplinas, a Arte tem conteúdo próprio. Mas, muitas vezes não é isso o que percebemos nas escolas. Muitas vezes os professores de Arte não têm claros os conteúdos da disciplina que ministram e acabam aceitando, como seus, os conteúdos dos Temas Transversais, como cidadania, sexualidade, ecologia, os conteúdos das demais disciplinas, bem como aqueles referentes às datas comemorativas.

Trabalhar de forma interdisciplinar não quer dizer partir das outras disciplinas e integrá-las à Arte ou colocar a Arte a serviço das outras disciplinas. A Arte não é um meio, é um fim em si. Ela não serve nem é servida. Ela é ela! E tem sua importância em si mesma. Vista desta forma, a interdisciplinaridade será uma questão de atitude. Atitude frente ao conhecimento.

ARTE É CONTÁGIO

Arte também não é o simples contágio, emoção, Vygotsky em seu livro *Psicologia da Arte* (2001) faz nos entender que se na prática de sala de aula tivéssemos como fundamentação à arte como simples contágio, não acrescentaria nada ao universo dos alunos, porque com certeza será muito mais contagiante para eles um rap ou um cantor em destaque na mídia do que Beethoven, Bach, Mozart. Além do mais estaríamos contribuindo para que sofressem mais uma exclusão, a exclusão cultural.

Portanto, o simples contágio é insuficiente para entender o que é arte como aponta Vygotsky, (2001, p. 307): Como seria desolador o problema da arte na vida se ela não tivesse outro fim senão o de contagiar muitas pessoas com os sentimentos de uma. Seu significado e seu papel seriam extremamente insignificantes, porque em arte acabaríamos sem ter qualquer outra saída desses limites do sentimento único, exceto a ampliação quantitativa desse sentimento. (VIGOSTKI, 2001, p.307).

A arte transforma quem faz, quem vê, e a própria matéria usada. Sendo assim, arte vai além do contágio, é um fazer humano, que como prática, tem uma finalidade, um objetivo, uma intenção.

ARTE NO ESPAÇO EDUCATIVO

Muito se tem falado e escrito ao longo dos anos, sobre a necessidade da inclusão da arte na escola de forma mais efetiva. Mesmo com a obrigatoriedade da Lei, a nova LDB 9.394/96, ela por si só não garante que o ensino de Arte na escola seja desenvolvido com a qualidade necessária para que os alunos terminem a sua formação escolar fazendo arte, ou seja, compreendendo as múltiplas linguagens que envolvem o universo da arte. Muitas experiências têm acontecido, mas no contato direto com professores, diretores de escola e coordenadores pedagógicos, as intenções parecem apontar para um caminho inverso, é no confronto com a prática pedagógica no campo da arte que se nota a grande distância entre teoria e prática. Muitos equívocos são cometidos e a questão passa batida na maioria das vezes em que se questionam as vivências com a arte.

Em geral a disciplina de Arte não é reconhecida como uma área de conhecimento, situada no mesmo patamar de outras áreas disciplinares. Apesar dos avanços trazidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)/Arte, em muitas escolas a Arte é considerada como uma disciplina de pouca importância, muitas vezes a maioria das escolas, apesar dos avanços nas teorias, continua a trabalhar com uma metodologia ultrapassada, comprovando o desconhecimento dos fundamentos históricos, filosóficos e estéticos que norteiam a atual concepção de arte. É muito comum segundo BARBOSA, (2001. p. 13): A maioria dos professores acreditar que desenhar, pintar, modelar, cantar, dançar, tocar e representar é bom para os alunos, mas poucos são capazes de apresentar argumentos convincentes para responder 'Por que essas atividades são importantes e devem ser incluídas no currículo escolar?' Isso é desalentador, pois o mínimo que se espera de alguém que ensina é que saiba por que ensina.

Lamentavelmente, o ensino de Arte é reduzido, na maioria das vezes, a desenhos com temas livres ou dirigidos pelo professor ou, ainda, a desenhos mimeografados. Isso traz inúmeras consequências para formação dos alunos, pois se a Arte é expressão, é linguagem, é o fazer artístico; conforme aponta LEITE (1998, p.45-46) limitá-la a: (...) uma técnica dirigida, é aniquilar experiências e descobertas, reduzi-las a exercícios psicomotores e cópias de modelos estereotipados a serem julgados pelos adultos. Como pode a criança decodificar os sinais, penetrar nas regras, repensar o estabelecido, se, todo tempo, há alguém para lhe dar modelos a serem seguidos e copiados de forma imperiosa e inquestionável? É realmente necessário que se cubram pontilhados? Ou que se pinte aquele desenho mimeografado sem sair do espaço delimitado? Se o desenho é uma forma que a criança tem de estar todo o tempo se relacionando, interagindo diretamente com o seu entorno, as atividades de cópia ou colorido dão a ele um outro significado, um sentido de coisa esvaziada e repetitiva.

Conforme Barbosa (1991 p.6.) uma das maiores pesquisadoras brasileiras sobre o tema arte-educação é convicta ao afirmar que: “Precisamos levar a arte que hoje está circunscrita a um mundo socialmente limitado a se expandir, tornando-se patrimônio da maioria e elevando o nível de qualidade de vida da população”. Para que esta afirmação se torne uma realidade, temos que acreditar que é através do espaço educativo que se pode efetivamente dar uma contribuição no sentido de possibilitar o acesso à arte a uma grande maioria de crianças e jovens.

É fundamental que a escola perceba a arte como um meio de expressão, pelo qual o aluno apresenta a sua visão de mundo, compreendendo que é por meio da arte que o homem expressa o seu momento histórico, com características próprias, enquanto leitor e intérprete do mundo.

As crianças se deparam com a necessidade de apreensão de significados e códigos desde o início das suas vidas, algo que também se traduz no contato destas com as mais variadas formas de arte. Esta necessidade de apreensão se torna ainda mais urgente quando há o ingresso na escola. Assim, se o processo se intensifica quando as crianças aprendem, entre outras coisas, a ler, a escrever, a adicionar e a subtrair – e se o escritor se comunica com palavras e o matemático com números, o interesse infantil também se abre na escola ainda mais para as estruturas visuais da arte, estruturas criadas com a intenção da comunicação de significados sobre a maneira pessoal do artista de encontrar sentido no mundo que o rodeia.

Criatividade no ensino é fundamental, manifesta-se na espécie de inter-relação que cresce entre professor e aluno, à medida que o professor partilha com a criança sua experimentação. A criatividade manifesta-se também na natureza das oportunidades de aprendizagem que o professor oferece. O estudante criativo é aquele que pega tudo o que aprende e coloca em combinações novas e inesperadas. Na relação professor/aluno, quando se ensina desenvolvendo a criatividade haverá liberdade de ensino, haverá diálogo e aceitação docente de tudo o que o discente traz suas aptidões, seus gostos, seus conhecimentos anteriores, bem como sua personalidade.

Por fim, a escola e o professor devem assumir a responsabilidade primordial de oferecer oportunidades de acesso ao aluno aos códigos, símbolos e regras da linguagem artística historicamente produzida, democratizando a gramática da arte. Pois, de acordo com Barbosa (1994, p.13): “A consciência de ser colonizado dos brasileiros é titubeante, confusa e mal explicitada”, se o pro-

fessor não reconhece sua condição de excluído, jamais trabalhará no sentido da emancipação dos alunos que estão sob a sua responsabilidade e contribuirá para a formação de uma mentalidade elitista. A sonegação de conhecimentos nos faz acreditar na normalidade de uns terem acesso a tudo e outros não terem este direito.

No processo de educar, o estudo da imagem deve ser prática constante, hoje, coloca-se num lugar focalizado da informação, pela comunhão de imagens geradas pela cultura, isto é, a cultura do consumo está empenhada na construção permanente de novos gostos, sensações e estilos de vida, são os signos culturais, imagens contagiantes. É papel do professor selecionar as imagens utilizadas para apreciação dos alunos, desde que sejam significativas para a turma, imagens históricas ou atuais, que resgatem a cultura da imagem, a qual é importante para a formação dos sujeitos.

O ser humano que não conhecer arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida.

A IMPORTÂNCIA DA IMAGEM NO ENSINO E NO ESPAÇO EDUCATIVO

O emprego contemporâneo do termo imagem remete, na maioria das vezes, a imagem da mídia. A imagem invasora, a imagem onipresente, aquela que crítica e que, ao mesmo tempo faz parte da vida cotidiana de todos, é a imagem da mídia. Anunciada, comentada, adulada ou vilipendiada pela própria mídia, a imagem torna-se então sinônimo de televisão e publicidade. Por toda a parte do mundo o homem deixou vestígios de a faculdade imaginativos sob a forma de desenhos, nas pedras, dos tempos mais remotos do paleolítico a época moderna. Esses desenhos destinavam-se a comunicar mensagens, e muitos deles constituíram o que se chamou “os precursores da escrita” – figuras que representam os primeiros meios de comunicação humana. São consideradas imagens porque imitam, esquematizando, visualmente, as pessoas e os objetos do mundo real.

No campo da arte, a noção de imagem vincula-se essencialmente a representação visual: afrescos, pinturas, mas também luminárias, ilustrações decorativas, desenhos, gravuras, filmes, vídeos, fotografias e até imagens de síntese. A relação da imagem com o ensino da arte precisa ser vista numa perspectiva histórica: as novas abordagens de ensino da arte, introduzidas no Brasil por volta da década de oitenta, propõem uma inter-relação entre produção, leitura de imagem e contextualização histórica, onde os conteúdos da arte sejam explicitados. Nesta concepção de ensino da arte, a imagem ganhou lugar de destaque na sala de aula, antes detestada pelas metodologias modernistas. Pode-se firmar que a valorização da imagem é consenso entre os educadores comprometidos com o desenvolvimento estético e artístico.

É importante investigar e relacionar o porquê de as imagens da arte e outras imagens encontra na sala de aula um espaço favorável à criação artística. A releitura de obras, por exemplo, é um procedimento bastante explorado pelos professores, que propõem um resgate da produção de

artistas, em que os alunos interferem na obra, recriando-as através de intervenções. Esta forma de trabalhar imagens é uma das tendências da arte contemporânea.

A produção de arte faz a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não é suficiente para a leitura e o julgamento de qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que nos cerca, está cada vez mais sendo dominado pela imagem. A intenção positiva é alfabetizar para a leitura de imagem. Através da leitura das obras de artes visuais prepararemos a criança para a decodificação da gramática visual, ou seja, a imagem fixa através da leitura do cinema e da televisão prepara a criança para o aprendizado.

“Segundo Barbosa (1991),” ao prepararmos as crianças para lerem imagens produzidas por artistas, às preparamos para lerem imagens do cotidiano, e a percepção pura da criança sem influência de imagem não existe, pois está provado que 82% do nosso conhecimento informal se dá através de imagens”. Para que a livre expressão aconteça no ensino da arte é preciso levar em conta que para desenvolver a capacidade criadora é necessário o entendimento, a compreensão, a decodificação das múltiplas significações de uma imagem. Desde os primeiros anos de vida a criança depara-se com imagens variadas, que vão sendo decifradas segundo suas capacidades cognitivas. Sua inserção na cultura de massa dá-se de zero a seis anos, quando ela é bombardeada por inúmeras fontes de imagem, como a propaganda e a televisão. Crianças em idade pré-escolar já são consumidoras de imagens. Elas estabelecem relações com o mundo ao seu redor através da linguagem visual. Na escola, a criança irá deparar-se com uma rica fonte de imagens: os livros de literatura infantil.

As ilustrações dos livros infantis são uma rica fonte para o trabalho de alfabetização visual. Porém, não existem receitas para se criar leitores críticos. Somente uma prática comprometida e atenta a novas formas de comunicação poderá contribuir para o desenvolvimento de uma prática pedagógica voltada para a formação de leitores críticos. O educador da era visual deve estar atento para aprender e renovar seus conhecimentos sobre os meios de comunicação cultural para proporcionar experiências construtivas, nas quais as crianças possam realizar leituras de imagens concretas e abstratas, produzidas em diversos meios, bidimensionais e tridimensionais, visando a formação de leitores participativos e críticos dos meios de comunicação visual.

A criança, aproximadamente entre dois e seis anos, desempenha o que ela sabe do objeto, e não o que vê. Este saber estar profundamente relacionado com a sua vivência e manipulação do objeto. Pegar, abrir, bater, lambear, cheirar, apertar. É raro notar uma criança de aproximadamente três anos desenhar observando diretamente o objeto em questão. A criança ver com o corpo inteiro. O compromisso no desenho se faz mais pelo desejo de conhecer do que pela correspondência visual propriamente dita.

Tudo o que a criança sabe participa de qualquer processo criativo, suas conjunturas, suas propostas, suas dúvidas, tudo o que ela pensa e imagina. O conceito de imaginação passa a ser considerado e redimensionado também como faculdade cognitiva. Fusari e Ferraz (1993) pensam da seguinte forma:

A criança se exprime naturalmente, tanto do ponto de vista verbal, como plástico ou corporal,

se sempre motivada pelo desejo da descoberta e por suas fantasias. Ao acompanhar o desenvolvimento expressivo da criança percebe-se que ele resulta das elaborações de sensações, sentimentos e percepções vivenciadas intensamente. Por isso, quando ela desenha, pinta, dança e canta, o faz com vivacidade e muita emoção. (1993, p.52).

A expressão infantil é a mobilização para o exterior de manifestações interiorizadas e que formam um repertório constituído de elementos cognitivos e afetivos. A criança em atividade expressiva participa do processo de criação. Durante a construção ela se coloca numa sucessão de imagens, signos, fantasias que, às vezes, é mais considerado por ela quando aparecem para o conhecimento da produção da criança e evidenciam o desenvolvimento e expressão de seu eu e do seu mundo.

Vygotsky (1987, apud Fusari e Ferraz, 1993) fala na precocidade da “percepção de objetos reais”, com suas formas e significados. Segundo ele, a criança rapidamente percebe que o mundo das formas tem sentidos diversos os quais ela aprende a utilizar. Morazova (1982, apud FUSARI E FERRAZ, 1993), em seu livro *Expressão Plástica*, mostra que a percepção cognitiva tem uma grande importância, tanto para a criação como para qualquer percepção cognitiva tem uma grande importância, tanto para a criação como para qualquer atividade infantil. Em ambos os casos, durante as criações ou fazendo atividades de seu dia a dia, as crianças vão aprendendo a perceber os atributos constitutivos dos objetos ou fenômenos à sua volta.

No que se refere à visualidade com as crianças de Escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, o ideal é que se trabalhe a observação e a análise utilizando os aspectos físicos, intuitivos e o contato mais profundo com as formas; é uma observação que procura envolver todos os ângulos visuais possíveis investigando os objetos e fenômenos, tanto com a visão como também, com os demais sentidos.

A procura por novas metodologias para arte educação, o compromisso com as modificações, a consciência crítica e a transformação do senso comum, são alguns dos princípios que direcionam a ato educacional. Metodologias contemporâneas melhoram a qualidade da arte educadora, quando aprontam o contexto cultural, a educação estética, o fazer artístico, a leitura de imagens e a história da arte. A arte educação qualifica-se, por meio do adequado conteúdo desta área de conhecimento.

Uma vez definida a metodologia de ensino, é preciso definir o que necessita ser ensinado no ensino da arte. Ao educador compete a tarefa de ser mediador em meio aos conteúdos e seu educando, direcionando o método de ensino aprendizagem, dando valor ao conhecimento que ele já traz, desenvolvendo e sistematizando segundo a necessidade do grupo. Dessa forma as aulas são dedicadas a reconhecer a arte. Em meio aos trabalhos está à análise, a contextualização e o fazer artístico, compreendendo aspectos fundamentais no campo da arte. Não deixando de lado os aspectos sociais, a apreciação da estética do cotidiano e a história cultural do educando.

Aos educandos, além dos aspectos estéticos, a arte proporciona a ampliação de sua compreensão mundo. Consequentemente, convêm hoje, que eles saibam apreciar, mais e melhor a arte, criando ambiente dentro da escola e fora dela, para que eles possam refletir e conhecer as artes e por meio delas.

A qualidade do ensino da arte começa com uma adequada formação do educador, juntamente com a escolha de conteúdos da área. Conforme Fusari & Ferraz (1993, p.68), é necessário ter uma metodologia definida, pois:

Os métodos de educação escolar em Arte são os próprios caminhos delineados no ensino e na aprendizagem artística e estética para se chegar a uma finalidade, isto é, ao conhecimento de arte: mas só podemos percorrer tais caminhos através de procedimentos intencionalmente escolhidos, dentro de um determinado posicionamento pedagógico.

O ensino da arte na concepção histórico crítica, é pensado a partir de uma educação que seja parte associada à sociedade, e o educando seja estimulado a compartilhar ativamente na mesma. E que nessa sociedade a arte tenha significação humana e seja voltada, para a realidade social e cultural, tão rica e tão especial.

PROPOSTA TRIANGULAR E SUAS VERTENTES

O objetivo de aproximar arte e aluno, aos métodos educacionais atuais é marcado por uma estratégia de trabalho que busca contribuir na construção de uma prática contemporânea em relação ao processo de ensino aprendizagem da arte e com a dinâmica da realidade educacional este trabalho apresenta, como exemplo de abordagem diferenciada no ensino das artes visuais, a proposta triangular de ensino da arte, conhecida por inserir um estilo novo em relação ao papel da arte na escola e sua importância como método de alfabetização artística e estética. A Proposta Triangular é uma contribuição muito importante para o ensino da arte, desenvolvida após vastas pesquisas e uma adaptação brasileira, pela educadora Ana Mae Barbosa. Voltada sempre para a qualificação do ensino da arte em todos os níveis e para o contato com a arte, a aplicação dos pressupostos dessa abordagem tem evidenciado que a construção de conhecimento se organiza na relação do fazer, da leitura da obra e da contextualização.

Conforme Barbosa, (2002, p.68), A Proposta Triangular não indica um procedimento dominante ou hierárquico na combinação das várias ações e seus conteúdos. Ao contrário, aponta para o conceito de pertinência na escolha de determinada ação e conteúdos enfatizando, sempre, a coerência entre os objetivos e os métodos.

Trabalhando assim, o educador apresenta livre-arbítrio em relação à escolha dos temas e a ordem dos conteúdos, optando por um currículo flexível. Assim sendo, não é necessário seguir uma ordem cronológica no ensino de história da arte. É possível aproveitar os recursos disponíveis e ao alcance de cada um, estabelecendo relações com o passado e o presente por meio da história da arte.

Segundo Barbosa, (2002, p.70):

A Proposta Triangular permite uma interação dinâmica e multidimensional, entre as partes e o todo e vice-versa, do contexto do ensino da Arte, ou seja, entre as disciplinas básicas da área, entre as outras disciplinas, no inter-relacionamento das três ações básicas: ler, fazer e contextualizar e no inter-relacionamento das outras três ações decorrentes: decodificar/codificar, experimentar, informar e refletir.

Os objetivos podem ser os mesmos, porém o que vai mudar é a visão de mundo e a tática para conseguir os mesmos. Pois, só fazer arte não basta, é necessário saber apreciar, saber ler e estabelecer relações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após várias leituras e pesquisas chega-se à conclusão de que a arte vem conquistando mais espaços, o ensino de arte vai aos poucos deixando de ser uma mera atividade auxiliar e/ou recreativa, e passando a ser compreendido como um processo de construção de conhecimento, uma área de conhecimento humano, um campo de estudo específico, com história e conteúdos próprios.

O cotidiano ainda constitui o nosso grande desafio, que nos impõe o constante repensar das nossas práticas e nos mobiliza a novos posicionamentos. O ambiente provocador e dialético que nos cerca em nossas salas de aula, nos tira da inércia pedagógica e direciona nossas ações. Aquilo que propúnhamos nas aulas de “artes” há alguns anos ou até meses já não nos serve mais (e muito menos aos nossos alunos que nos incitam e nos desafiam a propor-lhes outras práticas, outros conteúdos e informações culturais, novas abordagens). Isto nos redireciona ao mesmo tempo em que produz em nós novos significados para o ensino das artes.

Da imagem mimeografada para colorir, avançamos aos saltos em termos de qualidade. O perfil da arte na educação não mais se compatibiliza com algumas práticas reducionistas, datas comemorativas, desenhos livres, técnicas artísticas como única proposta de trabalho, cujas abordagens descaracterizam a produção artística, através de “modelos” prontos, acabados e sem sentido.

É necessário que a educação perceba a importância real da arte e para isso é premente respeitá-la, dar credibilidade, bem como, desenvolver ações inovadoras que a valorizem a fim de que esta possa servir para a melhoria do ensino aprendizagem. Outro item é a importância da imagem em todos seus aspectos e maneiras de serem vistas e admiradas, ao ter contato com o livro o aluno primeiro faz sua leitura visual e muitos conseguem ler esse texto a sua maneira através somente da observação das imagens. Também encontramos nos livros didáticos das disciplinas a imagem de várias obras importantes que não devem passar batidas, ou simplesmente ignoradas, pois se o autor escolheu aquela imagem para contemplar o texto é porque ela tem um grande significado que devemos explorar com as crianças. Pois podemos alfabetizar através da imagem.

O ensino da arte deve vir de um encaminhamento metodológico, objetivos que quero com aquele conteúdo, interesses que quero despertar no aluno e atividades que venham a desenvolver sua capacidade criadora. Hoje a arte é considerada uma disciplina com conteúdo próprios, unidos à cultura artística. A finalidade da arte educação, antes centrada na natureza do educando, agora é centrada para o ensino com interação do educando com a própria natureza da arte.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mãe (org.) **Inquietações e Mudanças no ensino da arte**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____, Ana Mãe. **Arte/Educação no Brasil: Aprendizagem Triangular**. In: Josélia Maria. (Org.). O ensino da arte em foco. Florianópolis: UFSC, 1994.

_____, Ana Mãe. **Arte-educação pós-colonialista no Brasil: Aprendizagem triangular**. Santa Catarina: USSC, 1994.

_____, Ana Mãe. **Arte-educação: Conflitos e acertos**. São Paulo: Max Limonada, 1980.

_____, **A imagem no Ensino da Arte**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

CORREA, Ayrton Dutra (org.). **Ensino de Artes: múltiplos olhares**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. **Educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, p, 23 dez. 1996.

FERRAZ, M. H.; FUSARI, M.F.R. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortês, 1993.

FERREIRA, Sueli (Org.). **O Ensino das Artes: Construindo Caminhos**. Campinas: Papiros, 2001.

FUSARI, Maria F. Rezende e FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____, Maria F. de Rezende. E FERRAZ, Maria Heloísa. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

LEITE, Maria Izabel Ferraz Pereira. **Desenho infantil: questões e práticas polêmicas.** In: KRAMER, Sônia, (Org.) **Infância e produção Cultural.** Campinas: Papyrus, 1998, p. 131-150.

MARTINS, M. C. F. D. ET al. **Didática do ensino da arte: poetizar, fruir e conhecer arte.** São Paulo: FTD, 1998.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. **A arte Pesquisa. Vol.1: Ensino e Aprendizagem da Arte: Linguagens Visuais-Brasília.** DF UnB, 2003.

RODRIGUES, Almir Sandro. **Teorias da Aprendizagem.** Curitiba: IESDE, 2005.